

O PEDINTE QUE RECITAVA SHAKESPEARE

“Quem me rouba a honra priva-me daquilo que o enriquece e faz-me verdadeiramente pobre.” disse, solenemente, enquanto segurava minha bolsa junto a si, e perguntou se eu conhecia o autor daquela sentença. Eu estava muda, olhando a retina escura verde-dilatada com surpresa, como se tivesse encontrado um novo buraco na calçada enquanto se anda tranquila, para o qual se olha a profundidade com espanto e cautela. “É Shakespeare!”, ele completou.

O Bar do Avião não era atrativo ou simpático, não tinha nem mesmo a familiaridade afetiva com a qual algumas espeluncas conseguem se tornar cativantes, como o Ferro Velho do Benfica. Mesmo que as redondezas do Dragão do Mar tenham se tornado o quadro mais evidente do quão decadente Fortaleza consegue ser, ainda não havia me acontecido de um estranho subitamente sentar-se à minha mesa, tampouco qualquer um que recitasse Shakespeare. Dada a situação da cidade, sem dúvidas que havia ladrões de todos os tipos e para todos os gostos literários, mas aqueles versos eram uma introdução para esclarecer-me de que não era ladrão, uma característica que ele viria a reforçar ao explicar detalhadamente as circunstâncias que o traziam àquele ponto. Não estava convencida, no entanto dei-lhe ouvidos, pois mesmo que realmente o fosse, não era um sujeito comum que te aborda todo dia.

- Há três dias que eu sinto fome, é que faz três dias que eu larguei da pedra. Estou indo à Messejana, espaiar, entende? Mas antes eu quero jantar, você pode ajudar-me?

Aquela era a deixa para retomar a posse de minha bolsa, que estava estupidamente amparada na cadeira ao lado quando ele chegou. Tiro da bolsa o que há: livro, agenda, estojo de lápis... Vasculho a carteira e me desculpo justificando a falta de dinheiro trocado.

- Vinte reais servem, moça.

Por fim entrego a cédula, ele guarda no bolso sem reação, permanece sentado com os olhos pairando sobre a mesa de pintura azul já desgastada e aponta para o livro que tirei da bolsa.

- O que está lendo?

Era um Lima Barreto cuja edição novíssima e espessa estava envolvida num plástico que eu insistia em manter. Com as mãos barrentas, tomou o exemplar, folheou as páginas e perguntou se poderia levar consigo, queria ler algo na reabilitação. Eu disse que não podia, ele questionou o motivo, “Ainda não li esse livro”, falei baixinho e nisso respondeu “Nem eu”. Então assenti, ele tomou o Lima Barreto com mais excitação que ao dinheiro, com mais cerimônia que ao recitar Shakespeare, com mais ironia que os dedos que brincaram na superfície marrom da bolsa de couro italiano e desapareceu em direção à Ponte dos Ingleses.

Lia Leite